

Tempo de ouvir e tempo de falar

“(...) há tempo para todo o propósito debaixo do céu: (...) tempo de estar calado e tempo de falar.”

Eclesiastes 3:1, 7

“(...) vós todos sois médicos que não valem nada. Tomara vos calásseis de todo, que isso seria a vossa sabedoria!”

Jó 13:4-5

Nós precisamos de aprender a aceitar os outros no seu sofrimento. Precisamos de aceitar que eles ocupem o centro das atenções, quando estão a ser afligidos a um nível que não podemos compreender, ou quando estão a passar por alguma prova que nós conhecemos bem. Precisamos de acolher o sofredor na sua dor, sem oferecer remédios baratos, placebos à toa, mezinhas de nossa própria invenção, sem a sabedoria como componente principal.

Precisamos de orar com honestidade pelos nossos amigos. Os amigos de Jó deviam ter orado mais e falado menos; deviam ter falado mais com Deus do que uns com os outros. Nós temos o mesmo hábito, um mau hábito.

Precisamos de aprender a observar os factos sem julgar, sem acusar e às vezes sem defender, porque o que sabemos nós para nos tornarmos os juizes de alguém? Também precisamos de aprender a dizer aos nossos amigos a verdade em amor, e isso é uma arte muito rara e muito difícil de dominar com mestria. Ferimos os outros mais vezes do que deveríamos e argumentamos que eles não «gostam de ouvir as verdades». Será?

Precisamos de aprender a suportar as dúvidas e as questões dos nossos amigos, a suportar que eles sofram

crises e sejam tentados a desistir da corrida cristã – se isso acontecer, se essa tentação vier, está na hora de não os abandonarmos. Talvez tenhamos de ficar perto deles durante muito tempo, sem falar, mas isso faz parte do processo de ensino-aprendizagem da paciência.

Os amigos de Jó tinham vindo com boas intenções: pretendiam ajudar, pretendiam curar a ferida da alma do amigo profundamente atribulado, mas não souberam dar-lhe espaço para sofrer. Tentaram sufocar a sua dor, acrescentar-lhe o peso de o considerarem culpado, merecedor de castigo, de outro modo Deus não teria trazido tanto mal sobre ele... Eles não sabiam de nada. Eles não sabiam o que estava por detrás de toda a provação de Jó e resolveram inventar razões e culpas que não existiam. Tinham vindo como médicos para curar, mas tinham-se transformado em agressores. Não caímos no mesmo erro. O silêncio é, às vezes, o melhor remédio que podemos oferecer: silêncio e a nossa presença.

Hoje, se encontrares alguém em aflição, decide dar-lhe tempo para falar da sua dor e não ofereças remédios rápidos, panaceias estandardizadas, que em princípio curam tudo e por fim não curam nada.